



Sociedade Terceira dose da vacina?

Decisão sobre nova dose não pode basear-se em testes serológicos

Os testes serológicos, por si só, não bastam para indicar se as pessoas ainda têm imunidade contra a covid-19, dizem especialistas ouvidos pelo PÚBLICO

Alexandra Campos

A confusão instalou-se depois de se multiplicarem as notícias sobre surtos de covid-19 em lares de idosos com reinfeções em utentes e funcionários vacinados e de o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social ter anunciado que vai promover a realização de um estudo serológico a cinco mil funcionários nestas estruturas, para aumentar o conhecimento científico sobre a duração dos efeitos da vacina nesta população.

A divulgação de um estudo do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra – que concluiu que, três meses após a toma da vacina, os anticorpos começam a baixar – contribuiu para alimentar ainda mais a confusão e, ontem, dirigentes de associações de directores das escolas vieram defender que os professores e funcionários devem realizar testes serológicos e receber uma terceira nova dose da vacina contra a covid-19 para evitar o regresso ao ensino à distância.

Os especialistas pedem calma. Falar em testes serológicos em massa e na necessidade de uma terceira dose de vacina para professores não faz sentido, nesta altura. “Criou-se um clima de pânico que leva a que se fale na necessidade urgente de terceira dose de vacina”, lamenta Germano Sousa, o médico patologista que é dono da cadeia de laboratórios com o seu nome.

“O que é que os professores vão perceber com os testes serológicos? Vão verificar que têm anticorpos, os níveis de anticorpos que têm, mas como é que os vão comparar, se não têm resultados de testes serológicos feitos antes?”, pergunta Germano Sousa. “[Os testes serológicos] fazem sentido em estudos longitudinais,

não vejo que sejam minimamente úteis [neste contexto]”, sublinha.

“Quem souber um bocadinho de imunologia sabe que todos os agentes patogénicos criam anticorpos que, a partir de determinada altura, começam a cair”, faz notar o patologista. “Isso não significa que não estejamos protegidos”, enfatiza, frisando que não se pode confundir a protecção conferida pelas vacinas com os níveis de anticorpos.

Preocupado com a eventualidade de esta questão se transformar “em mais uma fonte de ruído”, o investigador principal do Instituto de Medicina Molecular Miguel Prudêncio começa por lembrar também que “os anticorpos são uma das componentes do nosso sistema imunitário, não a única” e que “não podemos retirar conclusões em função dos níveis de anticorpos em circulação”.

Diminuição de anticorpos

A diminuição da quantidade de anticorpos ao longo do tempo “é uma coisa normal, os anticorpos sobem depois do estímulo, atingem o pico, e depois começam a cair, não é inesperado nem preocupante”, sintetiza Miguel Prudêncio, que reconhece igualmente que os testes serológicos “são importantes para ensaios longitudinais”.

“Mas estes dados, por si só, não servem para tomar uma decisão sobre a terceira dose”, defende o investigador. “Uma pessoa pode ter níveis baixos de anticorpos e estar protegida. Isto é complexo. Existem no organismo células de memória que estão preparadas para rapidamente produzir anticorpos, se forem estimuladas para isso. As células T têm um papel essencial”, explica.

“O que estamos a fazer actualmente é medir os impactos da vaci-



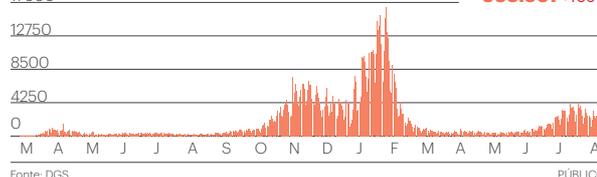
Situação em Portugal

Em 9 de Agosto de 2021, às 14h15

Internados (total)	Em UCI	Mortes	Recuperados	Activos
857	189	17.485	925.842	44.734
+8	+5	+18	+1275	-199

NOVOS CASOS DIÁRIOS

17000 Total de casos



Fonte: DGS

com grau de eficácia acima de 90% contra doença grave e morte, mas protegem com menos eficácia contra a infecção. “Antes da variante Delta, falava-se em protecção contra a infecção superior a 80%, mas, agora, há estudos preliminares que apontam para uma protecção contra a infecção de entre 50% a 60%, ainda que a protecção contra formas mais graves da doença se mantenha acima dos 90%”, descreve. “É preciso que as pessoas tenham calma. As decisões sobre a necessidade de terceira dose não podem surgir em função da exigência de grupos profissionais”, remata.

“É natural que os níveis de anticorpos baixem ao fim de algum tempo, isso é observado noutras infecções”, corrobora Maria João Amorim, líder do grupo de investigação em Biologia Celular da Infecção Viral do Instituto Gulbenkian de Ciência, que lembra igualmente que, além dos anticorpos, “temos outra maquinaria, os linfócitos T de memória”.

“O que é importante é perceber se a diminuição dos anticorpos se traduz num aumento de reinfeções e mortes. E por enquanto não se assiste a um aumento de doença severa.

“Uma pessoa pode ter níveis baixos de anticorpos e estar protegida. Isto é complexo”, alerta o investigador do Instituto de Medicina Molecular Miguel Prudêncio

na na saúde das pessoas, não parâmetros imunológicos que vale a pena conhecer, mas que, por si só, não nos dizem se a pessoa está ou não protegida.” Admitindo que pode chegar o momento em que seja necessária uma terceira dose da vacina, Miguel Prudêncio considera que, “para já, não é claro que seja”. Além disso, “se e quando acontecer, será prioritário avançar com essa protecção nas pessoas com sistemas imunitários mais débeis”.

De resto, o que se sabe por enquanto é que as vacinas protegem



Governo diz que serão feitos testes de diagnóstico (e não serológicos) aos professores Sindicatos e directores escolares pedem testes e a terceira dose da vacina para docentes e funcionários

Reponsáveis reclamam medida para evitar regresso ao ensino à distância, que traria “efeitos catastróficos” para os alunos

Os directores das escolas defendem que professores e funcionários devem realizar testes serológicos e receber nova dose da vacina contra a covid-19 para evitar o regresso ao ensino à distância, que traria “efeitos catastróficos” para os alunos.

Os especialistas dizem, porém, que ainda é cedo para falar deste tema e que a decisão da terceira dose não pode basear-se em testes serológicos (ver texto na página ao lado).

O Governo também já respondeu a esta questão. O secretário de Estado adjunto e da Saúde, António Lacerda Sales, disse ontem que serão feitos testes de diagnóstico (e não testes serológicos) aos professores, não havendo ainda datas para essa testagem. “Queremos também testar professores nas escolas, porque é muito importante para que se dê início ao ano lectivo o mais normal possível e com a maior segurança possível”, acrescentou.

Um estudo do Centro Hospitalar

da Universidade de Coimbra que concluiu que três meses após a toma da vacina os anticorpos começam a baixar, deixando as pessoas menos protegidas contra a covid-19, está a preocupar a comunidade escolar, que pede medidas urgentes ao Governo. A pouco mais de um mês do arranque do ano lectivo, os directores sublinham que não são cientistas, mas sabem que é preciso “fazer tudo para que as escolas não voltem a fechar”.

“Os alunos não podem voltar para casa. Fechar as escolas traz efeitos catastróficos, que se vão repercutir a longo prazo. Já percebemos que o ensino à distância foi prejudicial para os alunos, em especial os mais novos, que são menos autónomos, e aqueles que já são mais carenciados”, sublinhou David Sousa, o vice-presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), apontando as medidas que, na sua opinião, devem avançar já: a testagem e vacinação da comunidade educativa, incluindo todos os alunos a partir dos 12 anos.

O vice-presidente da ANDAEP defende que os professores e funcionários das escolas (e que foram um dos grupos prioritários na vacinação) devem ser alvo de testes



Já foram vacinados cerca de 280 mil docentes e funcionários

serológicos que permitam perceber os níveis de imunidade e receber a terceira dose da vacina.

Já o presidente da Associação Nacional de Directores Escolares (ANDE), Manuel Pereira, é mais cauteloso: “Não sou técnico de saúde, nem cientista, sei apenas que é preciso garantir que existem condições para que possa haver um ano lectivo normal. As decisões são tomadas pelo Governo com base em pressupostos científicos. Para nós, o impor-

tante é que alunos e professores possam estar nas escolas e, se a comunidade científica disser que são precisas três ou quatro vacinas, então estaremos de acordo”, disse.

Sem querer entrar na discussão sobre a toma de novas doses de vacinas, Manuel Pereira defendeu testes serológicos entre a comunidade educativa, apontando-os como uma vantagem para as escolas mas também para a comunidade científica.

Entre professores e funcionários, foram vacinadas cerca de 280 mil pessoas num processo gradual que arrancou no final de Março.

Também os sindicatos de professores apelaram às autoridades de saúde para que avancem rapidamente com medidas que garantam um ano lectivo com aulas presenciais. A Federação Nacional dos Professores defende que os estudos conhecidos recentemente já permitem defender a realização de testes serológicos a docentes e restantes funcionários. A Federação Nacional de Educação (FNE) também pediu urgência à DGS.

“Apelamos às autoridades de saúde para que (...) adoptem procedimentos atempados que possam garantir ao máximo” o ensino presencial, defendeu o secretário-geral da FNE. **Lusa**

A divulgação de um estudo do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra alimentou ainda mais a polémica

Acho que é prematuro estar-se a dar uma terceira dose”, sustenta.

Os testes serológicos, que “fazem sentido num estudo longitudinal”, diz também, “indicando a quantidade de anticorpos, não dizem se inibem a reinfeção ou não, não testam os anticorpos neutralizantes, mas sim os anticorpos totais, nem as células T de memória que são imediatamente reactivadas quando há reinfeção”. É possível medir os linfócitos T, mas isso não se faz de forma rotineira, só em laboratórios especializados, nota.

Na sua rede de laboratórios, Germano Sousa faz este tipo de testes sobre a imunidade celular, mas sublinha que são “complexos e caros”. E ainda falta vacinar muita gente com a primeira e segundas doses, lembra o patologista. “Ainda temos muito caminho para fazer, é urgente fazer o que falta.”



Alterações climáticas O "último aviso" dos cientistas é um alerta vermelho para a humanidade

Destaque, 2 a 5 e Editorial

Metade das queixas feitas à inspeção das polícias é contra agentes da PSP

Em 2020 houve uma média de três queixas por dia à IGAI. Casos de agressões têm peso "muito significativo"

As queixas contra agentes da PSP são metade das 1073 denúncias feitas no último ano à Inspeção-Geral da

Administração Interna (IGAI), mostra o relatório anual da chamada "polícia das polícias", a que o PÚBLICO teve

acesso. Ao todo, as queixas feitas por cidadãos ou outros órgãos à IGAI subiram 12% face a 2019, com a violação

dos deveres de conduta dos agentes da PSP, GNR e SEF e as ofensas à integridade física a representarem quase

dois terços do total. Apesar da subida das queixas, a IGAI só aplicou oito sanções disciplinares *Sociedade*, 18

Calor Protecção Civil avalia reforço de meios para travar incêndios

Subida das temperaturas deixa dispositivo de combate aos fogos em alerta máximo. Estão previstos avisos à população *Sociedade*, 18

Covid-19 Só por si, testes serológicos não chegam para decidir 3.ª dose

Depois dos lares, escolas também querem testes para medir duração dos efeitos da vacina. Especialistas pedem calma *Sociedade*, 16/17

Parque do Côa, 25 anos Um projecto exemplar com muito por fazer

Os próximos desafios do parque arqueológico na defesa da arte rupestre *Destaque*, 6 a 9



Empresas Insolvência da Dielmar lança uma vila inteira na incerteza

Em Alcains, quase todos têm uma ligação à empresa têxtil, um dos maiores empregadores da região de Castelo Branco *Economia*, 28/29